

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL: um estudo sobre a formação dos princípios de cidadania**

Marluce maria Costa Monteiro<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Considerando toda essa importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, para isso, faz-se necessário a realização de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos, como também em processos de participação, que levem à autoconfiança, à atitudes positivas e principalmente ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental, implementados de modo interdisciplinar, ressaltando que as gerações que forem assim formadas crescerão dentro de um novo modelo de educação, criando novas visões do que é o planeta Terra. Promove-se a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria sócio ambiental; e de potencializar a função da educação para as mudanças culturais e sociais, que se insere a Educação Ambiental no planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável. Considerando a importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação destas atividades. A escola dentro da Educação Ambiental deve sensibilizar o aluno a buscar valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e as demais espécies que habitam o planeta, auxiliando-o a analisar criticamente os princípios que tem levado à destruição inconsequente dos recursos naturais, assim, a educação ambiental precisa necessariamente formar nos sujeitos atitudes que promovam cidadania.

**Palavras Chave:** Consciência ambiental. Escola. Educadores.

### **ABSTRACT**

It is fundamental the importance of sensitizing human beings to act responsibly and conscientiously, keeping the environment healthy in the present and for the future. Knowing that environmental education is made up of processes through which the individual and the collectivity build social values, knowledge, skills, attitudes and

competencies aiming at the conservation of the environment, which is of common use, essential to a healthy quality of life and its sustainability. Considering all the importance of environmental issues and the integrated view of the world, in time and space, schools excel as privileged spaces in the implementation of activities that provide this reflection, which requires classroom activities and field activities, with actions based on projects and participatory processes that lead to self-confidence, positive attitudes and personal commitment to environmental protection implemented with an interdisciplinary approach, stressing that the generations that are raised with this concern will grow into a new education model creating new visions of what the planet Earth really is. It is promoted the articulation of educational activities aimed at protection activities, recovery and social-environmental improvement, which inserts the function of Environmental Education in the strategic planning towards sustainable development. Considering the importance of environmental issues and the integrated view of the world, in time and space, schools excel as privileged spaces in implementing such activities. School, concerning Environmental Education, must sensitize the student to seek values that will lead to a harmonious coexistence with the environment and other species that inhabit the planet, helping them to critically analyze the principles that have led to the reckless destruction of its natural resources; therefore, environmental education must necessarily form, in each individual, attitudes that promote citizenship.

**KEYWORDS:** Environmental Awareness. School. Educators.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo busca um diálogo entre a Educação Ambiental (EA) e o espaço escolar instituído. Almejando, a partir daí, alcançar um ensino aprendizagem capaz de contrariar ações próprias do tradicionalismo. E na prática formar sujeitos comprometidos com as questões ambientais, sendo os mesmos agentes de transformação. Dessa forma, espera-se que tendo a EA como princípio, sejam formados sujeitos críticos e reflexivos.

A Educação Ambiental trata de um tema bastante pertinente no cenário atual, já que é evidente o desequilíbrio causado pela ação humana desordenada. Percebe-se a utilização dos recursos naturais em prol do sustento de um modelo capitalista, e, sendo a instituição escolar um lugar privilegiado para implementação

de reflexões e, levando em consideração sua função de formalizar saberes não poderia deixar de vir à tona o poder que a EA possui em se adaptar em contextos específicos e seguir contribuindo para a formação de pessoas capazes de interagir favoravelmente com a realidade da qual fazem parte.

É preciso que o currículo escolar, por meio de uma perspectiva crítica e reflexiva, trabalhe os conteúdos em Educação Ambiental de forma interdisciplinar e transdisciplinar, consolidando cada vez mais a escola de cunho sustentável que tanto se almeja. Neste sentido, se faz necessário levar em consideração a realidade socioambiental do território, como forma de contribuir para uma consciência ambiental na relação dos sujeitos com o meio ambiente.

Diante disto, percebe-se que o tema em questão permite a possibilidade de se pensar em uma Educação Ambiental cada vez mais consolidada no currículo escolar e, mais que isso, sendo vivenciado na prática, o que contribuirá com a construção de espaços onde a educação será pautada pela sustentabilidade, o que desencadeará a formação reflexiva. Assim, os saberes poderão ser construídos mediante a sustentabilidade, de maneira formal, a fim de que possam se unir a outros saberes sociais, todos em prol de um bem comum: Uma educação que forme para a vida!

Educação Ambiental crítica: Uma maneira eficaz de se formar cidadania

Tendo, pois a finalidade de entender os fundamentos da Educação Ambiental Grohe e Corrêa (2012) tem buscado tecer reflexões acerca de um melhor entendimento sobre o que é Educação Ambiental, e ao mesmo tempo o que significa transformar, conscientizar, emancipar e exercer a cidadania tendo este tipo de educação como percussora. É uma tentativa de compreender a Educação Ambiental de maneira crítica tentando definir sua identidade. Para que isto ocorra, os referidos autores ainda ressaltam a necessidade de compreender o complexo processo de transformação global em que a Educação Ambiental está inserida, não podendo ser reduzida a um único modelo padrão. Assim, se percebe que a Educação Ambiental vai aos poucos se contextualizando, erigindo maneiras de ser e agir mediante o contexto socioambiental, dos quais os sujeitos são partes integrante.

Ainda em acordo com Grohe e Corrêa (2012, p.4006),

Através de uma ação emancipatória a Educação Ambiental possibilita romper com o padrão vigente de sociedade e de civilização, em que a reflexão problematizadora da realidade apoia-se em uma ação consciente e política, proporcionando a

construção de uma sociedade constituída de sujeitos emancipados, mas que fique muito claro que sozinha ela não conseguirá transformar o mundo, solucionando todos os problemas, principalmente os ambientais”

Perante isso, percebe-se a necessidade de ação, de compreender que a Educação Ambiental crítica vai além da mera transmissão de conhecimentos ecologicamente corretos, mas que deve haver um envolvimento afetivo dos educandos com a causa ambiental. É preciso seguir adiante na luta por uma nação mais democrática, não mais individualista, uma nação mais humana e solidária.

Ao evidenciar a Educação Ambiental crítica, vem à tona a pedagogia crítica e libertadora de Paulo Freire, enfatizando uma educação “libertadora”, em que ocorre a superação das relações de poder garantindo assim o exercício de cidadania. Neste cenário, a educação ambiental assume uma perspectiva que prima pela formação humana e política; em que os grupos considerados desprivilegiados assumem novas facetas e tem a possibilidade de seguir construindo uma história pautada na inclusão, afirmam também Loureiro e Layrargues (2013). É notável a contribuição da teoria de Paulo Freire para a constituição da Educação Ambiental crítica, já que a partir de suas idéias, novos horizontes são vislumbrados, novas perspectivas educacionais são tecidas e a formação educacional revela contornos de reflexão e criticidade.

Outros autores também discorrem sobre a Educação ambiental crítica, tais como Costa e Loureiro (2015), que enfatizam a Pedagogia Histórico-Crítica como sendo um espaço de formação humana e de apropriação pelo sujeito em seus processos de conhecer, estar e transformar o mundo, ativamente. Já o referencial defendido por Demerval Saviani é construído por diversos autores que estudaram as contribuições do pensamento marxista para a educação, nele a Pedagogia Histórico-Crítica compreende que a educação escolar consiste na apropriação dos saberes formais tendo como ponto de partida a realidade social em que os sujeitos estão inseridos. Desse modo, a educação cumpre seu papel de transformação social em que os “oprimidos” assumem papéis de não alienação, afirmam Costa e Loureiro (2015).

Portanto, a transformação social precisa acontecer de forma “libertadora”, e deve partir de realidades vivenciadas para construir saberes indispensáveis para o exercício de cidadania.

A fim de que aconteça a Educação Ambiental de forma crítica e emancipatória deve-se pautar em ideias de uma educação voltada para a vida, para a realidade atual.

E para isso, existem várias dimensões que precisam ser observadas, entre elas tem destaque o planejamento de projetos. Projetos estes, que precisam necessariamente estar em acordo com a estrutura pedagógica da escola, com as secretarias de educação e secretarias relacionadas com o meio ambiente, com a intervenção em políticas públicas, com a presença ativa da perspectiva ambiental nos projetos políticos pedagógicos e com a ação docente reafirmada de maneira crítica e reflexiva. Tudo isto, precisa ser observado para que a Educação Ambiental tenha como foco principal os princípios da sustentabilidade, como ressalta Loureiro (2007).

Costa e Loureiro (2015) afirmam que o contexto social e econômico determinam as formas de dominação do sujeito, mas é possível transformá-lo. Para isso é necessário que cada sujeito e grupo social ajam conscientes de sua própria condição de alienação dentro de uma sociedade desigual. Portanto, reafirma-se uma educação voltada para a reflexão e a criticidade.

Loureiro (2015, p. 167) considera que:

[...] toda ação educativa deve ser direcionada para a construção da igualdade e promoção das diversidades para que possamos satisfazer nossas necessidades sem opressão, discriminação e reprodução da dominação e dos mecanismos de expropriação. É nesse sentido que o conhecimento, ao ser crítico, nos desafia a pensar o ato de conhecer como uma atitude intencional, politicamente posicionada e prática, voltada para a transformação social.

Nesse contexto, é possível perceber que a luta por justiça social é algo evidente na Educação Ambiental em sua vertente crítica, como lembra Loureiro (2015). Lutar por justiça social e pela superação das relações de dominação significa garantir a livre realização de todas as potencialidades individuais do sujeito. Desta forma, a relação com o meio em que se vive assume contornos contrários a um sistema de cunho capitalista e segue formando sujeitos capazes de mudar para melhor a realidade vigente.

Afirma-se então, mais uma vez, que a Educação Ambiental se sustenta na permissão do exercício de reflexões acerca dos acontecimentos e, mais que isso

permite a transformação de realidades. A este respeito, Vargas (2005) ressalta ainda que não há dúvidas da relação entre educação ambiental, sustentabilidade ambiental e cidadania, principalmente quando se entende que essas dimensões se complementam em uma rede dinâmica que conduz à conscientização ambiental e tem como consequência melhorias na saúde, na qualidade de vida e em todas as relações humanas.

Ao enfatizar o papel da educação ambiental crítica e emancipatória, Loureiro (2007) afirma que “o cerne da educação ambiental crítica se pauta na problematização da realidade, em suas atitudes, valores e comportamento, e leva em consideração as práticas dialógicas”. Dessa forma, a EA Crítica tem como fundamento a emancipação, ou seja, a transformação e a superação das relações de dominação e dos preconceitos, ocorrendo a libertação. A cultura passa a ser produzida com autenticidade. Em suma, deve-se repensar a proposta da formação em educação ambiental, entendendo que apenas “conscientizar” não abarca a abrangência dessa modalidade. Faz-se necessário, que se deixe vir à tona outros objetivos condizentes com a busca da emancipação e a construção da sustentabilidade, ambos pautados na democracia.

O ensino da Educação ambiental nas escolas, de modo formal, deve ser feito de forma construtivista, buscando engajar ativamente os alunos por meio de projetos de intervenção socioambiental voltados para a problemática ambiental. Essas atitudes trazem uma visão crítica e segue por caminhos eficazes, em que a ação profissional entende que o meio ambiente em si suscita metas positivas para o aprendizado.

Loureiro (2007, p. 68) enfatiza que:

Isso se explica, pois ao se trazer a educação ambiental para a realidade concreta, para o dia-a-dia escolar, evitamos que esta se torne um agregado a mais, idealmente concebido nas sobrecarregadas rotinas de trabalho. Evitamos também que fique somente no planejamento de ‘salvação pela educação’ ou da normatização de comportamentos ‘ecologicamente corretos’. Com isso, torna-se um componente e uma perspectiva inerentes ao fazer pedagógico, potencializando o movimento em busca de novas relações sociais na natureza.

Por tudo isto, é possível perceber que a Educação Ambiental se estabelece como sendo primordial para a construção de um sujeito comprometido com as causas sociais, já que oferece a oportunidade de repensar atitudes e seguir construindo valores indispensáveis ao exercício da cidadania. A emancipação dos sujeitos rompe com modelos de educação compartimentados e segue construindo uma nova história que revela traços de criticidade e reflexão. Tudo isto em prol de um contexto socioambiental pautado na sustentabilidade.

### **3.2 Formação continuada: Tecendo reflexões acerca do educador ambiental**

Tecer considerações acerca da formação continuada requer que em um primeiro momento, reflita-se sobre as políticas públicas que apoiam esta questão, pois, desde a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), usado como referência para a normalização dos currículos do Ensino Fundamental dos estados e municípios em 1997, o MEC voltou sua atenção para a formação dos educadores. Foi elaborado em 1999 um Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado, tendo por título Parâmetros em Ação para todos os segmentos e modalidades do Ensino Fundamental, mostrando a necessidade de mudanças na formação de professores a partir da compreensão da natureza da sua atuação e da concepção de competência profissional, considerada como a capacidade de mobilizar múltiplos recursos, entre os quais os conhecimentos teóricos e experienciais, para responder às diferentes demandas das situações de trabalho.

Diante disto, percebe-se que o processo de aprender e ensinar em tempos e espaços variados é um indicador de como a formação de professores é um desafio, e segue ultrapassando as fronteiras de espaço e tempo. Na formação inicial, são visíveis as dificuldades de articular necessidades formativas, oriundas do campo de atuação às possibilidades dos cursos de formação de professores, ressalta Lopes (2010). E a capacitação do educador para atuar na Educação Ambiental é concebida como um sujeito que aprende, como agente de sua própria formação.

Santos (2010) analisa o modo como a formação profissional dos docentes tem sido deixada de lado por uma série de instituições de ensino, principalmente pelo fato de, no campo das políticas públicas existirem defensores de uma formação inicial simplificada para o magistério. Gatti (2010) ao fazer referência a Santos (2010), também argumenta a necessidade de uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas, evidenciando que as condições de formação de professores ainda estão distantes de serem satisfatórias.

Já na perspectiva de Gomes (2002) *apud* Drumond (2010), são relacionadas várias vertentes que estabelecem traços marcantes de identidade de professor, sua ação profissional, e que são constituídas durante os cursos de formação. A identidade do professor vai ao longo dos tempos assumindo diferentes faces. No entanto, tem se buscado superar a linearidade entre o saber teórico e a ação docente. A estabilização da identidade profissional se sustentará mediante a fundamentação nos conhecimentos científicos.

Com intuito de tecer considerações a respeito de como a formação precisa acontecer surge os estudos de Libâneo (2004, p. 138) *apud* Valentin (2014) reafirmando que na formação “São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de um sólido conhecimento teórico, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que

e como mudar”. Assim percebe-se a importância da teoria, de uma visão científica acerca do fazer docente. É preciso que se formem especialistas em educação, pois somente assim a atuação profissional terá estrutura para agir criticamente, sendo favorável aos desafios propostos pela educação, ressalta Drumond (2010). O docente necessita ainda fazer uma análise de suas práticas para determinar se suas ações e caminhos levam realmente a uma transformação.

Ao enfatizar a formação continuada pela ótica do saber faz-se necessário tecer considerações acerca do saber da experiência. De acordo com Vidal (2010) significa tomar a formação a partir de quatro elementos: Trajetória escolar dos professores, relação intersubjetiva estabelecida com diferentes atores sociais e escolares nos vários níveis, confrontação dos sujeitos com as condições materiais de existência e do trabalho docente e o magistério como tradição inventada. Vidal (2010, p. 726) reafirma que:

[...] as experiências, apesar de únicas, não são individuais. Remetem a modos coletivos de entender e validar a docência. Indicam expectativas geracionais constituídas na cultura, nas instituições de formação, na convivência cotidiana com os colegas e comunidades nos vários percursos de escolarização seguidos

Contudo, há de se concordar que a formação continuada também compartilha das experiências vivenciadas e vai aos poucos se configurando mediante a reciprocidade das ações; a rememoração de fatos passados atribui significados à docência contemporânea. Thompson (1981, p. 189) ressalta que “as pessoas não experimentam a sua própria experiência apenas como ideias no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, mas as experimentam como sentimento”.

Desse modo, a experiência não é unicamente intelectual, mas se insere em um contexto relativamente autônomo aliado ao plano de ideias e a cultura a qual os indivíduos fazem parte, o que faz com que a experiência seja concebida individual e coletiva.

Neste contexto, Valentin (2014, p. 66), ao fazer referência à Dias e Lopes (2009) reafirma que:

[...] Essa perspectiva tende a certo enfoque empirista por valorizar como base do conhecimento “verdadeiro” o que é apreendido, exclusivamente, pela experiência. Com esse enfoque, defende-se que a prática atende mais às questões que envolvem o trabalho docente do que a teoria, estabelecendo assim uma relevância da primeira sobre a última. Nesta perspectiva, os argumentos parecem reforçar o equívoco de que [...] a formação “real” se baseia na prática, enquanto a que se distancia dela é “irreal”, tornando ainda mais remota a possibilidade de vínculo entre teoria e prática e estabelecendo um estatuto de maior relevância à prática do que a teoria.

Apesar de na maioria das vezes teoria e prática se divergirem, é preciso que ambas caminhem juntas e, assim, seguir construindo um processo educativo singular e contextualizado. Portanto, é importante enquanto profissionais que buscam uma formação



## EDUCAÇÃO AMBIENTAL

pautada na valorização das capacidades específicas de cada sujeito, haja empenho em construir uma prática docente que realmente esteja carregada de significados. Assim, a experiência diz tanto pra a ação docente quanto o saber pautado nas teorias. Tudo isto, deve acontecer de maneira “libertadora”. Neste sentido, Valentin (2014, p. 68-69) ressalta que:

[...] a formação continuada de professores em EA pode caminhar na contramão do processo de alienação ou até mesmo reforçar a semiformação. Por isso, a EA não pode se reduzir simplesmente a educar para conservar a natureza ou para desenvolver hábitos e comportamentos ‘ecologicamente corretos’, mas sim a educar para transformar a sociedade, como prática política promotora de valores que incitem a transformação social, o pensamento crítico e a emancipação.

Diante disto, surge a necessidade de uma formação que tenha a consciência de uma prática educacional em EA que prima pela emancipação dos indivíduos, que os formem mediante o compromisso como uma sociedade que segue a trilha da sustentabilidade. Para que isto aconteça se faz necessário que a prática docente assuma o referencial da Teoria Crítica. É preciso ter uma preocupação constante em compreender os problemas educativos em um contexto espaço-temporal. Por tudo isso, a Teoria Crítica traz muitas contribuições para o educador, dentre elas tem destaque a vigilância crítica que se reflete em uma preocupação com as ideologias que sustentam nossas práticas e decisões ressaltam Iared e Oliveira (2011).

Neste contexto de formação profissional há de se considerar o “ser” educador ambiental, que na visão de Carvalho (2005), se trata de uma identidade que se configura em um espectro de variações, sempre construída e reconstruída na relação educativa. Assim, a identidade do educador ambiental segue constantemente em uma busca incansável por aprimoramento, tendo em vista que sua formação faz parte de um processo no qual segue reafirmando novos significados em meio à reciprocidade do processo educativo. Carvalho (2005), ressalta que “o ser educador ambiental é algo provisório, baseado em parâmetros que variam de acordo com a percepção e a história de cada sujeito ou grupo envolvido com essa ação educativa”.

Considerando que as relações são construídas, desconstruídas e renovadas em um círculo rotatório de vivências entre os indivíduos, o campo ambiental ramifica em diferentes recortes que dificulta a identificação de um único profissional ambiental, engessando suas ações e práticas. Nesta perspectiva surge o “sujeito ecológico” que para Carvalho (2005, p.13) se trata de “um tipo ideal capaz de encarnar os dilemas societários, éticos e estéticos configurados pela crise societária em sua tradução contracultural”. Portanto, a formação do educador ambiental na condição de “sujeito ecológico” se trata de um profissional comprometido com uma sociedade emancipada, igualitária, sustentável.

O educador ambiental tendo em sua essência a criticidade cria condições para colocar em prática os saberes. A educação ambiental não está presa a um currículo rígido, e dessa forma pode ampliar o conhecimento para diversas dimensões. Neste contexto, Loureiro (2007) ressalta

MONTEIRO, M. M. C.

a importância da EA Crítica no fazer docente, reafirmando que os educadores se sentem à vontade e motivados quando participam de ações dentro de uma perspectiva crítica. A este respeito, Loureiro (2007, p. 68) acrescenta que:

[...] trazermos a educação ambiental para a realidade concreta, para o dia-a-dia, evitamos que esta se torne um agregado a mais, idealmente concebido nas sobrecarregadas rotinas de trabalho. Evitamos também que fique no plano do discurso vazio de 'salvação pela educação' ou da normatização de comportamentos 'ecologicamente corretos'. Com isso, torna-se um componente e uma perspectiva inerentes ao fazer pedagógico, potencializando o movimento em busca de novas relações sociais na natureza.

Nesta mesma perspectiva, o educador ambiental precisa ter a consciência de que a natureza não é algo inerente ao fazer pedagógico, mas que as questões ambientais devem ser colocadas em pauta de maneira contextualizada e acima de tudo que esteja carregada de significados.

Portanto, a formação do educador ambiental envolve uma complexidade de fatores que precisam ser necessariamente considerados. Valentin (2014, p.69) apud Carvalho (2006) nos diz que:

A Formação continuada é uma educação política que envolve três importantes dimensões do processo educativo: a dimensão de conhecimentos, a dimensão de valores, tanto éticos como estéticos e a dimensão da participação política. A articulação destas três dimensões, na formação continuada de professores em EA, pode abrir caminhos e possibilidades em direção a uma prática intencional e responsável, que pode conduzir à emancipação e a construção de uma sociedade democrática.

Ao se considerar os aspectos observados, conclui-se que são muitos os caminhos a serem seguidos. O educador deve ter uma visão participativa do processo educacional, deve adequar seus métodos, acreditar em sua capacidade e conseqüentemente melhorar sua prática. Cabe ao mesmo escolher aquilo que melhor se insere no contexto educacional vigente, pois não dá mais para pensar em ações que compartimentam, que oprimem. Assim, enquanto educadores ambientais, se deve buscar uma formação mediante os princípios da emancipação, da criticidade, para se ter condições de, no fazer pedagógico cotidiano assumir uma postura que realmente condiz com o propósito da Educação Ambiental que é na verdade o de educar para a vida!

Neste momento, vale ressaltar que a Educação Ambiental surge como uma expectativa de mudança da realidade e das condições de vida na terra e busca promover a utilização de todo potencial humano de forma a assegurar um crescimento com o mínimo de impactos sobre o ambiente. Para tanto, é necessário

uma educação que mude a mentalidade humana, o caráter social e ecológico, estimulando a formação de sociedades mais justas e responsáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foram ressaltadas as importantes contribuições de diversos estudiosos que discorrem sobre o tema, entre eles merece destaque a teoria de Freire (1996) ao enfatizar que “ensinar exige acima de tudo tolerância, competência profissional, ética, criticidade, generosidade e principalmente que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Neste sentido, a Educação Ambiental Crítica surge como uma possibilidade de se pensar em práticas que, de cunho sustentáveis, permitem despertar nos aprendizes conceitos básicos para a vida, afirma Grohe e Corrêa (2012). Assim, é primordial que as práticas realmente estejam carregadas de significados. Não cabe, portanto, a escola vigente o simples papel de transferir conhecimentos, mas sim desenvolver ações voltadas para a formação do sujeito em um sentido mais amplo, ressalta Loureiro (2007).

Em suma, os resultados encontrados com esta pesquisa somente vieram reafirmar a necessidade de se pensar em práticas que condizem com uma educação ambiental crítica, transformadora, uma educação que acima de tudo faça sentido para a vida dos aprendizes; que possa de fato acontecer na prática educacional e se torne indispensável para a construção de uma sociedade pensada sobre as bases sólidas da sustentabilidade!

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. P. Pedagogia do oprimido. 20.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BARROZO, Luciana Aranda; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental crítica, Interculturalidade e Justiça Ambiental entrelaçando possibilidades. VIII EPEA – Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, Rio de Janeiro, 19 a 22 de julho de 2015.
- BIGLIARDI, Rossane Vinhas; Cruz, Ricardo Gauterio. Currículo Escolar, pensamento crítico e educação ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 21, nov. 2012. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3073/1732>>. Acesso em: abril 2016
- BONFIM, Dirlei Andrade et al. A interdisciplinaridade, construção do conhecimento e do saber ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 344-357, ago. 2015. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5144>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL

- CALDART, Roseli Salette. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, jun. 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462009000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462009000100003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 20 fev. 2015.
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) Educação Ambiental; pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. PATRIMÔNIO CULTURAL, ESCOLA, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.
- COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico B. Contribuições da Pedagogia crítica para a pesquisa em Educação Ambiental: um debate entre Saviani, Freire e Dussel. *Revbea*, São Paulo, v.10, nº 1, p. 180-200, 2015.
- DRUMOND, José Cosme. A multidimensionalidade da pedagogia e a formação do professor: questões de formação e de identidade. In: *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Coleção Didática e Prática de Ensino*-Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p.558-604.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Educação Ambiental, 2004. (p. 79-86). Disponível em <[http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea\\_n\\_zero.pdf#page=79](http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea_n_zero.pdf#page=79) > Acesso em 11 fev 2016
- EFFTING, Tânia Regina. Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios. Marechal Cândido Rondon, 2007. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento Para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007. <http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/autoresind/EducacaoAmbientalNasEscolasPublicasRealidadeEDesafios.pdf> Acesso em 18 de maio. 2016.
- FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 100.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GATTI, Bernardete A. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS. Educação & Sociedade, vol. 31, núm. 113, outubro-diciembre, 2010, pp. 1355-1379 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GROHE, Sandra Lilian Oliveira ; CORRÊA Luciana Bilhalva. RESSIGNIFICANDO O ESPAÇO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, v. 28, janeiro a junho de 2012.
- GUIMARÃES, M. A formação de educadores ambientais. Campinas: Papyrus, 2004. Acesso em 12 jul. 2016.

<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115> Acesso em 15 de abril 2016.

IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Concepções de Educação Ambiental e perspectivas pedagógicas de professoras do Ensino Fundamental. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 27, n. 2, p. 95-122, ago. 2011 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010246982011000200006&lng=pt &nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982011000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 nov. 2015.

JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico e reflexivo.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica/ Fundamentals of scientific methodology. São Paulo; Altas; 2010. 320 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambient. soc.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 23-40, mar. 2014 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414753X2014000100003&lng=pt &nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2014000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 fev. 2016.

Legislação Lei 9.795/99 Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental.

LIBÂNEO, José Carlos A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade Educar em Revista, núm. 24, 2004, pp. 113-147 Universidade Federal do Paraná Paraná, Brasil.

LIMA, Telma Cristina S. de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica, **Revista Katálvs**, Florianópolis v. 10, número especial, p. 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf> >. Acesso em 2 abr. 2010.

LOPES, Rosemara Perpétua. Da licenciatura à sala de aula: O processo de aprender e ensinar em tempos e espaços variados. **Educ.rev.** Curitiba, n.36, 2010

LOUREIRO, Carlos Frederico B.. Educação Ambiental e Epistemologia Crítica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 32, n. 2, p. 159-176, dez. 2015. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/5536>>. Acesso em: 04 abril. 2016

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 53-71, abr. 2013 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198177462013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 04 jan. 2016.

LOUREIRO, C. F. B.; COSSÍO, M. F. B. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto "O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental". In: MELLO, S.; TRAJBER, R. (Orgs.) **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental**. Brasília: MEC/UNESCO, 2007. p. 57-

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. [ [Links](#) ]

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria, Fundamentos de Metodologia Científica, - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)

Acesso em : 25 de maio de 2016.

MATTHES, Priscila Maria da Maia; CASTELEINS, Vera Lúcia. **A Educação Ambiental: Abrindo espaço para a cidadania**: Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas. IX Congresso de Nacional de Educação-EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009-PUCPR. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3477\\_2018.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3477_2018.pdf). Acesso em 25 abril de 2016

MOREIRA, Tereza. Escola Sustentável: currículo, gestão e edificação. PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 10, n.1, p. 53-66, jul./dez. 2012. ISSN 1678-765X. disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/saberes>. Acesso em 02 nov 2015.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ministério da Educação**: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico, 2 ed. Novo Hamburgo: feerale, 2013. Disponível em <http://docente.ifrn.edu.br/valcinetemacedo/disciplinas/metodologia-do-trabalho-cientifico/e-book-mtc> > Acesso em 2 fev. 2016.

RODRIGUES, Jessica do Nascimento; GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental crítica na formação do educador: uma pedagogia transformadora. In: 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2010, Caxambu. Educação no Brasil: o balanço de uma década, 2010.

SANTOS, Franco Porto dos; SOUZA, Lucas Barbosa e. ESTUDO DA PERCEPÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL POR MEIO DO MÉTODO Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198422012015000200057&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198422012015000200057&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 abril. 2016. FENOMENOLÓGICO. **Mercator (Fortaleza)**, Fortaleza , v. 14, n. 2, p. 57-74, ago. 2015 .

SAVIANI, Demerval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. <http://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/168>. Acesso em 26 maio. 2016.

SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitoza. **Educação do campo no IFMT – Campus São Vicente**: desafios da construção de uma educação dialógica. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Cuiabá, 2014. 214 f. Disponível em: [www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php?op=download&id=554](http://www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php?op=download&id=554). Acesso em 04 dez. 2015.

SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte. ESTRATÉGIAS PARA

REALIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

**REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 20, set. 2013. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3855/2299>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel. Políticas estruturantes de educação ambiental. In: **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola** / [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. - Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1089-1111, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302008000400008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000400008&lng=pt&nrm=iso)>.

TORALES, Marília Andrade. A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores: da ação escolar a ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], p. 1-17, mar. 2013. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3437/2064>>. Acesso em: 21 fev. 2016

Tozoni-reis, Marília Freitas De Campos; Campos, Luciana Maria Lunardi. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. *Educar em Revista*. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, n. spe3, p. 145- 162, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114282>>

TREVISOL, J.V. Os professores e a educação ambiental: um estudo de representações sociais em docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em <[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT10/joviles\\_trevisol.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/joviles_trevisol.pdf)> Acesso em 10 jun.2016.

VALENTIN, Leirí. A dimensão política na formação continuada de professores em educação ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 58-72, dez. 2014. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/4630>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

VARGAS, Liliana Angel. EDUCAÇÃO AMBIENTAL : A BASE PARA UMA AÇÃO POLÍTICO/TRANSFORMADORA NA SOCIEDADE. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005.

VIANA, Pedrina Alves Moreira Oliveira; OLIVEIRA, José Everaldo. A INCLUSÃO DO TEMA MEIO AMBIENTE NOS CURRÍCULOS ESCOLARES. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 16, set. 2012. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/2777>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves. A docência como experiência coletiva: Questões para debate In: *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Coleção Didática e Prática de Ensino-Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P.711-734. Disponível em [http://www.fae.ufmg/endipe/livros/livro\\_4.PDF](http://www.fae.ufmg/endipe/livros/livro_4.PDF)*



## EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ZAKRZEVSKI, S. B. B. Por uma educação ambiental crítica e emancipatória no meio. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997